

RUBEM BRAGA

A BOA CRISE

E IMPOSSIVEL calcular de longe a profundidade da crise politica russa cuja manifestação mais surpreendente foi a condenação do stalinismo. Seria, entretanto, infantil acreditar que se trata de uma «fita» para impressionar o mundo ocidental. Parece certo que a morte de Stalin deu coragem a uma elite de técnicos e intelectuais que vivia abafada pelo medo e pela mentira, e não é proibido imaginar que os homens que hoje detêm o poder na URSS, todos eles longamente comprometidos na politica de Stalin, terão dificuldades cada vez maiores em continuar como «donos da enchente».

A crise não é puramente politica. O movimento de libertação e de reexame atinge outros setores. Um artigo de Giuseppe Botta para a revista «Il Contemporaneo», e que me chega através de uma tradução de «La Gaceta de Chile», a revista de Pablo Neruda, informa sobre a «virada» na arquitetura soviética.

Em uma conferência realizada no Kremlin há coisa de um ano não apenas arquitetos como engenheiros e técnicos em construção aprovaram criticas à arquitetura oficial — a de Morávnof, Zacharof, Ceciulin, Vlasov e Poliakov, grupo que tinha o monopólio do ramo, graças aos postos-chaves que invariavelmente detinha na Academia, na Comissão Estatal da Construção e na União dos Arquitetos. Esses respeitáveis «chicharros» da arquitetura stalinista foram responsabilizados não só pela feiura de suas fachadas cheias de ornatos supérfluos e de mau gosto, mas principalmente pelo fato de que essa feiura... custava caro.

«Em algumas construções havia-se gasto o dôbro da soma razoável. O Hotel Leningradskaia de Moscou, que pelos seus excessos devia converter-se logo no símbolo daquela corrente, havia consumido com seu átrio de catedral, seus mosaicos e seus vitrais, a quantia suficiente para erguer um edificio com um número de apartamentos três vezes maior».

Descobriu-se também que os arquitetos chamados estetizantes (entenda-se isso no sentido académico) sacrificavam a comodidade interna dos edificios ao aspecto externo, à fachada. A reconstrução das cidades e aldeias destruidas pela guerra eslava retardada, era demasiado cara e apresentava deficiências de qualidade. A complicação do desenho das fachadas impedia um maior uso de blocos e painéis pré-fabricados, isto é, freava a industrialização da construção. Os criticos afirmaram não negar o valor estético da arquitetura; mas esse valor não pode residir na superabundância de elementos decorativos e sim na simplicidade da forma em sua relação orgânica com a função dos edificios, na harmonia das proporções, no justo emprêgo dos materiais e na qualidade do trabalho.

Enfim: a Rússia prepara-se para criar sua própria arquitetura. O artigo não diz nada sobre urbanismo — exatamente um campo em que um país onde não existe a propriedade privada do solo deveria estar muito mais avançado que todos os outros. Mas é claro que essa revolução critica destruirá também os enormes planos baseados em noções há muito superadas em outros países da Europa. Voltaremos a ter também uma arte e uma literatura russas, depois de dezenas de anos de baboseiras sob encomenda? Eu prefiro acreditar que sim.